



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS PENEDO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO (LATO SENSU) EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E  
CULTURAL**

**YANA KARINA DE LIMA SOUZA SILVA**

**OBSERVAÇÕES ACERCA DA ASSOCIAÇÃO RENASCER DOS ARTESÃOS DA  
CARNAÚBA E FIBRA DA BANANEIRA NA COMUNIDADE TRADICIONAL  
QUILOMBOLA: AGROVILA PICADA (QUILOMBO PICADAS), NO MUNICÍPIO DE  
IPANGUAÇU/RN**

**PENEDO/AL  
2026**

YANA KARINA DE LIMA SOUZA SILVA

OBSERVAÇÕES ACERCA DA ASSOCIAÇÃO RENASCER DOS ARTESÃOS DA  
CARNAÚBA E FIBRA DA BANANEIRA NA COMUNIDADE TRADICIONAL  
QUILOMBOLA: AGROVILA PICADA (QUILOMBO PICADAS), NO MUNICÍPIO DE  
IPANGUAÇU/RN

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação (Lato Sensu) em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Cultural.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gisele Oliveira de Lima.

## FICHA CATALOGRÁFICA



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
**Campus Penedo**  
**Biblioteca**

---

S586o

Silva, Yana Karina de Lima Souza.

Observações acerca da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira na comunidade tradicional quilombola: Agrovila Picada (quilombo picadas), no município de Ipanguaçu/RN . – 2026.

27f.; il.

Orientação: Profª Gisele Oliveira de Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Ambiental e Cultural) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Penedo*, Penedo, 2026.

Trabalho acadêmico em versão digital.

1. Comunidade quilombola - Associação. 2. Agrovila Picada, RN. 3. Artesanato. 4. Produtos orgânicos. I. Lima, Gisele Oliveira de. II. Título.

CDD: 305.89608134

---

**Bibliotecária/Documentalista**  
**CRB-4/2159**

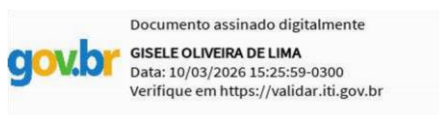
YANA KARINA DE LIMA SOUZA SILVA

OBSERVAÇÕES ACERCA DA ASSOCIAÇÃO RENASCER DOS ARTESÃOS DA CARNAÚBA E FIBRA DA BANANEIRA NA COMUNIDADE TRADICIONAL QUILOMBOLA: AGROVILA PICADA (QUILOMBO PICADAS), NO MUNICÍPIO DE IPANGUAÇU/RN

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação (Lato Sensu) em Educação Ambiental e Cultural do Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Cultural.

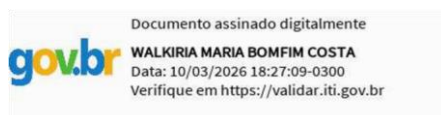
APROVADO(A) EM: 01/12/2025.

BANCA EXAMINADORA



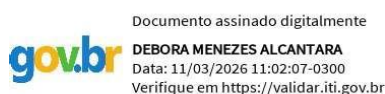
---

Prof.Dr<sup>a</sup>. Gisele Oliveira de Lima.  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL



---

Prof.M<sup>a</sup>. Walkíria Maria Bomfim Costa  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL



---

Prof.Dr<sup>a</sup>. Débora Menezes Alcântara  
Instituto Federal de Alagoas IFAL

**OBSERVAÇÕES ACERCA DA ASSOCIAÇÃO RENASCER DOS ARTESÃOS DA CARNAÚBA E FIBRA DA BANANEIRA NA COMUNIDADE TRADICIONAL QUILOMBOLA: AGROVILA PICADA (QUILOMBO PICADAS), NO MUNICÍPIO DE IPANGUAÇU/RN**

**OBSERVATIONS ABOUT THE RENASCER ASSOCIATION OF CARNAUBA ARTISANS AND BANANA FIBER IN THE TRADITIONAL QUILOMBOLA COMMUNITY: AGROVILA PICADA (QUILOMBO PICADAS), IN THE MUNICIPALITY OF IPANGUAÇU/RN**

**Yana Karina de Lima Souza Silva<sup>1</sup>**

**RESUMO**

A pesquisa visa o estudo da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira na comunidade tradicional quilombola Agrovila Picada (quilombo picadas), no município de Ipanguaçu no estado do Rio Grande do Norte. Possibilitando em seus objetivos específicos: (I) Apresentar a Agrovila Picada e Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira na produção dos artesanatos manuais; (II) Mostrar a forma de comercialização dos artesanatos e alimentos orgânicos produzidos pela Associação Renascer; (III) Expor as dinâmicas socioambientais da Agrovila Picada, no município de Ipanguaçu/RN, através da retirada da palha da carnaúba e fibra da bananeira pelos artesãos da Associação Renascer; (IV) Abordar o extrativismo da Associação Renascer com o olhar quilombola de Nêgo Bispo (Antonio Bispo). Pesquisa de campo, de caráter exploratória quali quantitativa, conforme esclarece os autores Lakatos e Marconi (2003), Gil (2008), nos quais foram consultados dados acerca da Associação Renascer da comunidade tradicional quilombola Agrovila Picada (Quilombo Picadas) no município de Ipanguaçu/RN, onde sucederam as observações sociais e ambientais, características e dinâmicas da localidade.

**Palavras-chave:** Associação Renascer; Comunidade Tradicional Quilombola; Agrovila Picada; Artesanato; Produtos Orgânicos.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura de Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: yanaescolarprofgeo@gmail.com.

## **ABSTRACT**

The research aims to study the Renascer Association of Carnauba and Banana Fiber Artisans in the traditional quilombola community Agrovila Picada (quilombo picadas), in the municipality of Ipanguaçu in the state of Rio Grande do Norte. Enabling in its specific objectives: (I) To present the Agrovila Picada and Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira in the production of manual handicrafts; (II) Show the way in which handicrafts and organic food produced by the Renascer Association are sold; (III) To expose the socio-environmental dynamics of Agrovila Picada, in the municipality of Ipanguaçu/RN, through the removal of carnauba straw and banana tree fiber by the artisans of the Renascer Association; (IV) To approach the extractivism of the Renascer Association with the quilombola perspective of Nêgo Bispo (Antonio Bispo). Field research, of an exploratory qualitative quantitative character, as clarified by the authors Lakatos and Marconi (2003), Gil (2008), in which data about the Renascer Association of the traditional quilombola community Agrovila Picada (Quilombo Picadas) in the municipality of Ipanguaçu/RN were consulted, where the social and environmental observations, characteristics and dynamics of the locality took place.

**Keywords:** Renascer Association; Traditional Quilombola Community; Agrovila Picada; Handicrafts; Organic Products.

## 1 INTRODUÇÃO

Melchor (2012, p.1) aborda que Associação é “uma entidade de direito privado, dotada de personalidade jurídica e caracterizada pelo agrupamento de pessoas para a realização e consecução de objetivos e ideais comuns”. Estima et al (2013, p.159) enfatiza “nas associações, o núcleo central é o indivíduo, onde um grupo de pessoas se une para um determinado fim”.

De acordo com Costa (2012), o artesanato surgiu 6.000 anos antes de Cristo (a.C), no período neolítico, através do polimento das pedras para o corte de alimentos e caça. No Brasil o artesanato iniciou com os indígenas com a produção de cocais, cestas, vestimentas, dentre outros objetos. Os indígenas produziam estes objetos num “conjunto das necessidades humanas básicas (subsistência, proteção, afeto, entendimento, criação, participação, ócio, identidade e liberdade), para além dos aspectos” (LIMA; MARINHO; BRAND, 2007, p. 364).

Teixeira et al (2011, p.157) expõem que o povo quilombola produz artesanato como forma de preservação cultural.

“O significado de luta pela preservação da cultura local: o uso dos produtos artesanais, assim como a maioria dos produtos feitos a partir de atividades do cotidiano quilombola, e suas manifestações da cultura material são tratados com carinho e orgulho pelos integrantes do quilombo, fortalecendo sua identidade”.

Além da produção do artesanato, muitos artesãos de comunidades tradicionais também sobrevivem da agricultura familiar e orgânica. Os seus produtos são vendidos na maioria das vezes no comércio local, nas feiras livres “tornam um ponto mais atrativo em relação aos supermercados e frutarias, em função da maior diversidade, do produto ser mais fresco, a dinâmica peculiar de negociação do preço, possibilitando manter-se uma relação bastante próxima com o produtor e seu consumidor” (Alves et al 2024, p.2).

Este trabalho visa abordar as vivências da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira, localizada na comunidade tradicional quilombola: Agrovila Picada (quilombo picadas), no município de Ipanguaçu/RN. Expondo as relações socioeconômicas e socioambientais nas formas de organização, produção e comercialização dos artesanatos e produtos orgânicos.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Revisão de Literatura**

Artesanato é uma manifestação cultural em forma de objeto, esta carrega um valor sentimental, no qual o artesão lapida o material bruto, para transformar o produto final em uma obra de arte. Lima (2018, p.34) caracteriza o artesanato como “uma manifestação feita por pessoas que fazem a comunidade que dão sentido à produção artesanal. O conceito de artesanato vai caracterizar a transformação da matéria-prima, ou seja, do material bruto as peças úteis”.

Mello e Froehlich (2022, p.81) relatam que “os quilombolas passaram a conhecer e se utilizar dos recursos naturais existentes nos territórios que ocuparam, praticando a agricultura de subsistência, com excedentes comercializáveis, mantendo eventuais relações com os mercados de proximidade”.

Deste modo, as populações extrativistas representam outros grupos sociais incluídos na categoria de tradicionais e tendem a ser reconhecidos pelos produtos que extraem e vendem no mercado, apesar deste ser apenas um elemento de um complexo sistema de adaptação que inclui caça, pesca, agricultura, fruticultura e criação de pequenos animais (MORAN 1974, LITTLE, 2002).

Diegues (2008) frisa que as culturas e sociedades tradicionais se caracterizam pela relação e até simbiose com a natureza; conhecimento aprofundado da natureza este transmitido de geração em geração; noção de território onde o grupo se reproduz socioeconomicamente; moradia e ocupação desse território por várias gerações; importância das atividades de subsistência; reduzida acumulação de capital; importância dada à unidade familiar; importância das simbologias nas atividades extrativistas; a tecnologia utilizada é relativamente simples e de impacto limitado sobre meio ambiente.

Leroy e Meireles (2013) relatam que esses povos e comunidades tradicionais se tornam invisíveis ao olhar do homem urbano-industrial. Destarte, que ambos os povos e comunidades tradicionais estão na contramão do sistema capitalista, por usar atividades extrativistas que têm menos riscos de degradação dos ecossistemas, na geração e manutenção da renda.

As comunidades e povos tradicionais estão na contramão desse desenvolvimento. Suas relações extrativistas e de usufruto estão estruturadas e inseridas nas teleconexões continente-oceano-atmosfera-hidrosfera biosfera, que fundamentam ancestralidades e vínculos interdependentes com a conservação dos biomas e ecossistemas. Os danos provocados por mercantilização e consumo dos recursos ambientais, base do conflito com o agro e hidronegócio (LEROY, MEIRELES (2013, p.117).

Diegues (2000) enfatiza que o estudo de povos e comunidades tradicionais demonstra o conhecimento cultural e étnico existentes no litoral e interior do Brasil, são estes: indígenas, caiçaras, ribeirinhos, pescadores/as artesanais, caboclos, quilombolas, agricultores migrantes dentre outros. As comunidades chamadas tradicionais surtem efeito nas dinâmicas internas, estas possuem conhecimentos tradicionais e do território, dependência aos recursos naturais, contém simbologias, seus sistemas de manejos são desenvolvidos ao longo de suas experiências, sua localização as tornam defensoras e receptoras dos recursos naturais.

## **2.2 Objetivos**

### **2.2.1 Objetivo geral**

- Compreender a produção, organização sociocultural e econômica da Agrovila Picada (Quilombo Picadas), através da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira no município de Ipanguaçu/RN.

### **2.2.2 Objetivos específicos**

- Apresentar a Agrovila Picada e Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira na produção dos artesanatos manuais;
- Mostrar a forma de comercialização dos artesanatos e alimentos orgânicos produzidos pela Associação Renascer;
- Expor as dinâmicas socioambientais da Agrovila Picada, no município de Ipanguaçu/RN, através da retirada da palha da carnaúba e fibra da bananeira pelos artesãos da Associação Renascer;
- Abordar o extrativismo da Associação Renascer com o olhar quilombola de Nêgo Bispo (Antonio Bispo).

## **2.3 Material e métodos**

Pesquisa de campo, de caráter exploratória quali-quantitativa, conforme esclarece os autores Lakatos e Marconi (2003), Gil (2008), nos quais foram consultados dados acerca da Associação Renascer da comunidade tradicional quilombola Agrovila Picada (Quilombo Picadas) no município de Ipanguaçu/RN, onde sucederam as observações sociais e ambientais, características e dinâmicas da localidade.

Foi observada a participação dos membros na produção dos artesanatos e produtos orgânicos da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira. Identificando a organização de produção, comercialização e lucro dos produtos na contribuição da renda familiar.

## **2.4 Resultados e discussão**

### **2.4.1 Histórico da Agrovila Picada (Quilombo Picadas)**

A Agrovila Picada (Quilombo Picadas) surgiu através dos trabalhadores rurais contratados pelo major Montenegro, antigo dono das terras que atualmente pertencem ao conjunto de Assentamento Rural Pedro Ezequiel de Araújo, registrado pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária - INCRA.

Durante o poderio do major Montenegro, alguns escravos fugidos de uma fazenda no município de Jandaíra-RN, fixaram residência na Agrovila Picada como forma de refúgio dos seus antigos donos. Com isso foi passado os costumes, danças e tradições africanas, dando origem a uma comunidade tradicional quilombola.

Com a morte do major Montenegro, os seus trabalhadores temiam ficar desabrigados e sem perspectiva de residência. Foi então que um morador da Agrovila Itú, comunidade próxima a Agrovila Picada, decidiu escrever uma carta ao presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva. Contando a possível situação de despejo. A carta foi entregue ao deputado estadual Mineiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). A carta foi entregue ao presidente, este através do governo federal, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), comprando as terras

do falecido major Montenegro, a sua família. Assentou os moradores, fez a divisão de terras e presenteou cada família com uma residência de alvenaria.

Nascimento *et al* (2017, p.07) relata que assentamentos “são os imóveis onde vivem os moradores, antes sem terra. É um conjunto de unidades agrícolas independentes entre si, onde antes pertencia a apenas um proprietário e são desinstaladas ou compradas pelo INCRA, para futuros beneficiários da reforma agrária”.

Deste modo os moradores que temiam ser desocupados foram inseridos neste projeto, as terras foram concedidas às famílias que habitavam na Agrovila Picada e demais comunidades, pois o Projeto de Assentamento Pedro Ezequiel de Araújo abrange os municípios Ipanguaçu, Angicos e Afonso Bezerra.

**Figura 1:** Projeto de Assentamento Pedro Ezequiel de Araújo, em Ipanguaçu-RN.



**Autor:** Yana Karina, 2025.

Cinco anos após a criação do Projeto de Assentamento Pedro Ezequiel de Araújo pelo INCRA, em 2010 a Agrovila Picada foi reconhecida pela Fundação Palmares, como comunidade de remanescentes quilombolas, pela portaria FCP nº 135 de 27 de outubro em 2010, publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 04 de novembro em 2010, registrada no Livro de Cadastro Geral nº 13, Registro nº 1.387 fl. 003 (Portaria 135, 2010).

Shiraishi Neto (2007, p.30) expõe que “os direitos devem ser plenos, é imprescindível garantir aos povos e comunidades tradicionais a sua reprodução física e social, consubstanciada numa “prática social”, que se relaciona a um modo de “criar”, de “fazer” e de “viver”.

A Agrovila Picada conta com uma Associação Sociocultural (com o grupo de dança AFROARTE), Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira, três museus e uma Área de Preservação Permanente (APP).

**Figura 2:** Associação Sociocultural na Agrovila Picada, Ipanguaçu-RN.



**Autor:** Yana Karina, 2025.

Associação Sociocultural tem um grupo de dança, chamado AFROARTE, este apresenta-se com danças sobre a vida e costumes de matriz africana e quilombola.

**Figura 3:** Grupo de dança AFROARTE.



**Fonte:** UFRN, 2022.

Para Cruz (2007, p.6), essa forma de manter os ensinamentos é a permanência e construção da identidade.

Identidade é a superação de posições dualistas como: material/simbólico, objetivo/subjetivo. A identidade é construída subjetivamente, baseada nas representações, nos discursos, nos sistemas de classificações simbólicas, embora não seja algo

puramente subjetivo e não se restrinja à “textualidade” e ao “simbólico”. Ela não é uma construção puramente imaginária que despreza a realidade material e objetiva das experiências e das práticas sociais como muitos afirmam, e nem tampouco é algo materialmente dado, objetivo, uma essência imutável, fixa e definitiva.

De acordo com as informações obtidas acerca dos museus, o projeto para construção do Museu da Agrovila Picada (Quilombo Picadas) iniciou em 2017, por meio da comunidade, ONG CECOP (Centro de Documentação e comunicação Popular), RPTV (Rede Potiguar de Televisão Educativa e Cultural), gestão municipal e da Escola Municipal Nelson Borges Montenegro. O Museu Quilombola da Agrovila Picada teve reconhecimento internacional, com o Prêmio Ibermuseus de Educação, o primeiro lugar entre 158 projetos de 15 países de Língua Portuguesa e Espanhola pelo trabalho educativo inovador que realiza na área de museologia social.

Os museus foram construídos pela mão de obra dos moradores da comunidade. A arquitetura dos museus da Agrovila Picada remetem-se às moradias dos povos das tribos africanas, a exemplo do povo Massai. Um dos materiais utilizados na estrutura do museu foi a argila. As portas e janelas foram produzidas com a madeira da carnaúba (*copernicia prunifera*), palmeira nativa do bioma Caatinga.

**Figura 4 A B:** Museu na Agrovila Picada, Ipangaçu-RN.



**Autor:** Yana Karina, 2022.

O museu é visitado em suma por alunos e professores das escolas municipais, estaduais e federais, além das universidades.

A comunidade também realiza eventos como a Feira Gastronômica Cultural de Picadas e o Julho das Pretas, com localização ao redor do Museu, tendo apoio da

Associação Sociocultural, Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira e gestão municipal.

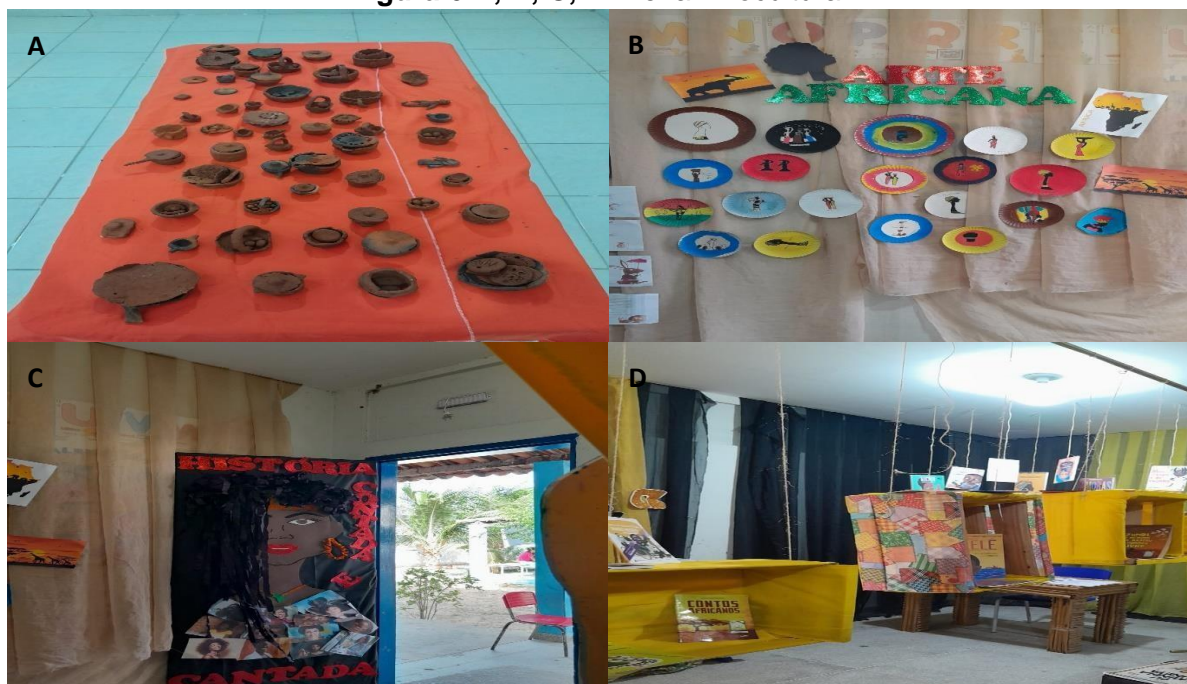
**Figura 5:** Julho das Pretas, Agrovila Picada, Ipanguaçu-RN.



Fonte: Associação Sociocultural, 2025.

A Escola Municipal Nelson Borges Montenegro, também localizada na Agrovila Picada, anualmente no período letivo de aulas organiza a Feira Afro-cultural.

**Figura 6 A, B, C, D:** Feira Afro-cultural.



Autor: Yana Karina, 2022.

Na feira é exposta a cultura africana, pinturas, contos, literatura, produção de artesanato, dentre outras. Delory e Mombberger (2006) e Souza et al (2011) enfatizam que as escolas rurais e suas diferentes significações no contexto social /escolar, organiza-se, a partir de três eixos: a) os sujeitos da escola rural; b) trabalho e prática pedagógica nas escolas rurais; c) instituições escolares rurais.

A Área de Preservação Permanente (APP) é de extrema importância para as comunidades tradicionais, está entre a Agrovila Picada e Agrovila Porto (comunidade de pescadores(as) artesanais). A área é monitorada pelo IDEMA (Instituto de Desenvolvimento e Meio Ambiente) do estado do Rio Grande do Norte.

Em vários pontos da Área de Preservação Permanente (APP), na Agrovila Picada (comunidade tradicional quilombola) em Ipanguaçu-RN, são identificados por placas de localização, confeccionadas pelos sócios da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira.

**Figura 7:** Área de Preservação Permanente (APP), Ipanguaçu-RN.



**Autor:** Yana Karina, 2025.

Esta área é de extrema importância no cuidado com o bioma Caatinga, preservação do ecossistema, Lagoa da Ponta Grande e comunidades tradicionais.

**Figura 8 A, B, C:** Lagoa da Ponta Grande, juá e tatu bola (ambos nativos do bioma Caatinga).



**Autor:** Yana Karina, 2024.

Com relação às APPs estas têm normas que evoluíram da simples proteção ambiental de certos locais para algo mais abrangente, que realça a inter-relação homem-meio ambiente (Borges et al. 2011).

Deste modo, estas normas surgem da necessidade de orientar o cidadão a seguir ou a coibir-lhe certos comportamentos. “A norma jurídica existe para regular o que é permitido e o que é proibido fazer” (Borges et al. 2011, p.1204).

#### **2.4.2 Associação Renascer**

Para a preservação da cultura ancestral e quilombola, foi criada no ano de 2006 a Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira na Comunidade Quilombola Agrovila Picada (Quilombo Picadas) no município de Ipanguaçu/RN. A Associação Renascer, tem a função de preservar a cultura local e tradicional, sem fins lucrativos tendo como missão a promoção da geração de trabalho e renda comunitária, através do ensino de práticas produtivas cooperativas e associativas de valor cultural e econômico, carregando uma herança ancestral por meio dos saberes do artesanato da palha da carnaúba e fibra da bananeira.

**Figura 9:** Logo da Associação Renascer.



**Fonte:** Associação Renascer (2022).

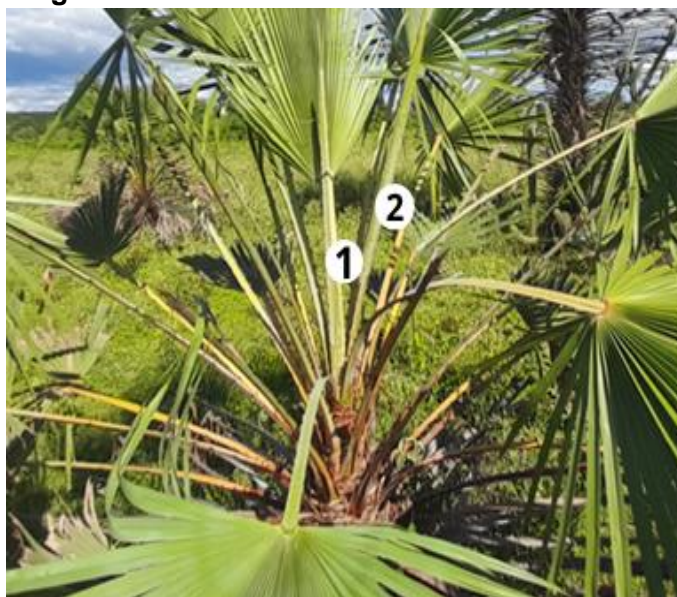
Inicialmente, a produção do artesanato foi resgatada pelos jovens, mas atualmente essa produção é realizada em sua maioria por mulheres. Cada peça de artesanato que é produzida carrega um peso social, histórico, cultural e de gênero. A inclusão da comunidade na produção do artesanato, além de manter a tradição do artesanato quilombola, é gerar renda para as famílias da comunidade.

### 2.4.3 Organização, produção e comercialização dos produtos

As associações “são organizadas principalmente por grau de parentesco, com seus membros morando próximos” (Teixeira et al, 2011, p.152). Mais da metade dos integrantes da Associação Renascer são do sexo feminino.

Mulheres e homens são responsáveis pela retirada da fibra da bananeira e palha da carnaúba (*Copernicia prunifera*), palmeira endêmica da vegetação do bioma Caatinga existente no local. A parte que é retirada da carnaúba é a mais jovem da planta chamada de “olho”. Essa parte encontra-se centralizada (1) na copa da planta, “mas para não prejudicar o seu desenvolvimento é extraída os olhos laterais (2). Após esse processo a palha (olho) é colocada para secar ao sol e somente depois desse processo estará pronta para ser utilizada na confecção do artesanato” (Apostila de artesanato da Associação Renascer, 2022, p.3).

**Figura 10:** Retirada do “olho” lateral da carnaúba.

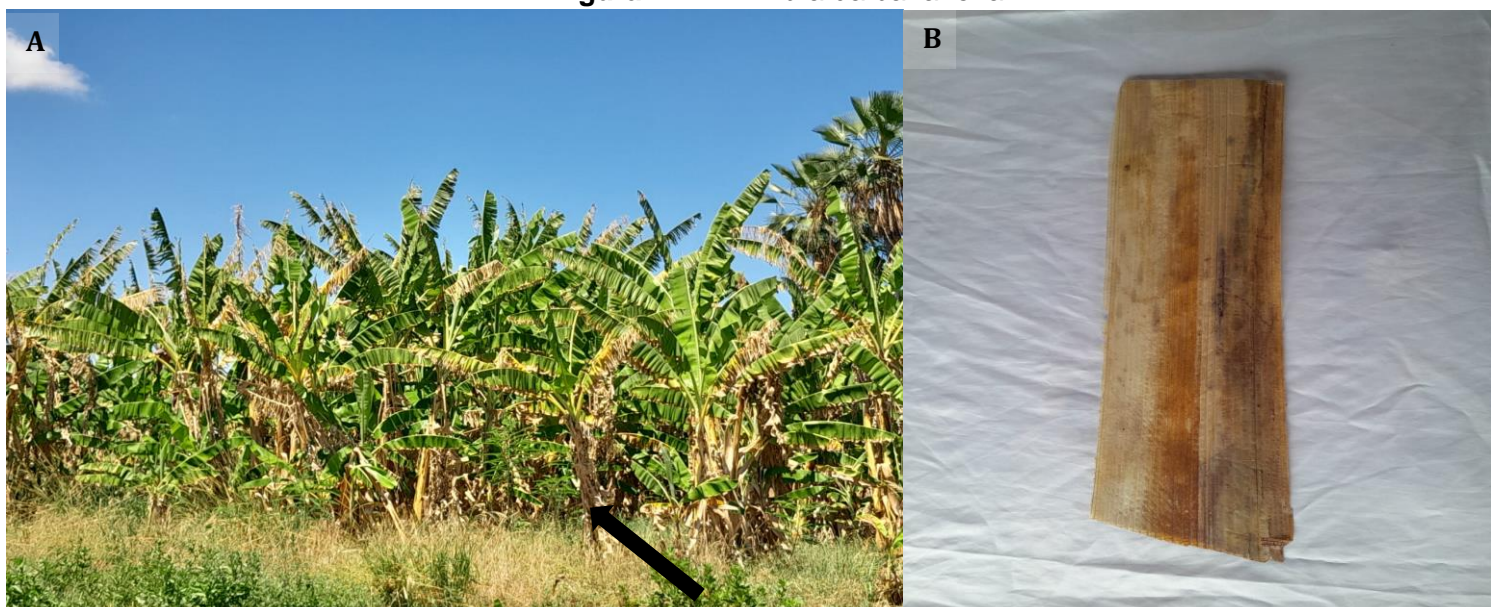


**Fonte:** Associação Renascer (2023).

Também são coletados os talos que se desprendem da carnaúba, que estejam em bom estado de conservação. No local da coleta é feita a limpeza dos talos (retirando os espinhos e a ponta final). Este material muitas vezes é utilizado para fazer queimadas. Entretanto, na Associação o talo é aproveitado para criar arte.

Na bananeira é extraída a fibra do caule (figura 11 A, B), são escolhidas as palhas secas mais brilhosas, o que auxilia na exuberância do produto final, o artesanato. A fibra é utilizada no processo de acabamento, revestindo as peças de artesanato. Na maioria das vezes a “fibra é extraída pelas mulheres com bastante cuidado e atenção, seguindo um rigoroso padrão de qualidade que é essencial na beleza do produto final” (Apostila de artesanato da Associação Renascer, 2023, p.6).

**Figura 11 A B:** Fibra da bananeira.



**Autor:** Yana Karina (2025).

A Associação Renascer tem apoio: Centro Femenista 8 de maio, Caatinga Viva, Comissão Pastoral da Terra – CPT, Sempre Viva Organização Feminista – SOFT, União Europeia e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER. As peças de artesanatos são vendidas na comunidade, no município, em feiras, na capital Natal-RN, comércio local, regional e fora do país. De acordo do Alves et al (2024, p.2) “comercializava seus produtos com o exterior (Rússia)”. Chegando a vender até 1220 peças por mês.

#### 2.4.4 Artesanatos

As atividades artesanais são aquelas em que as formas características do produto final consistem, em grande parte, na habilidade da pessoa que está fazendo. O trabalho pode ser integralmente manual ou contar com o auxílio de alguns instrumentos. O artesão enquanto indivíduo é aquele que exerce um ofício, produzindo bens materiais para a comercialização (IPI, 2002; Cabral, 2019).

Após a secagem da palha da carnaúba e fibra da bananeira, é iniciado o processo de organização do produto primário para produção do artesanato. Além dos produtos principais como a palha da carnaúba e fibra da bananeira, também são utilizados outros materiais: cola branca, cola quente, cola de artesanato, linha, arame, papelão, espelho e garrafa de vidro. A maioria destes materiais são reciclados.

Os artesanatos produzidos na Associação Renascer: pasta para documentos, nicho de parede, capa de caderno, porta lápis, jarro de flores, cestinha, lancheira com alça e sem alça, bolsa, cesto, cesta de café da manhã, cesta pequena, cesta grande, revestimento para espelho, esteira, cofrinho, porta objetos de vidro, garrafas de vidro decorativas, abajur e até móveis. Após a extração da palha da carnaúba esta é seca e separada do seu talo (figura 12 A, B).

**Figura 12 A B:** Palha da carnaúba e sua limpeza.



**Fonte:** Associação Renascer (2023).

Conforme a Associação Renascer (2023, p.8): “o talo da carnaubeira é essencial na estrutura das cestas de palha de carnaúba. O talo possui duas partes que são utilizadas nas cestas: A parte do lombo (bucho) e as costas do talo. As duas

partes são aproveitadas, porém a parte do lombo é mais apreciada no produto final”. Após a palha ser separada do talo, ela também pode ser trançada (figura 13).

**Figura 13:** Palha da carnaúba trançada.



**Fonte:** Associação Renascer (2023).

A atividade artesanal está ligada aos recursos naturais, ao estilo de vida e à prática do comércio com as comunidades vizinhas, nas quais a aprendizagem é adquirida pela vivência e imitação da prática e do manejo de materiais e ferramentas (ALCALDE; LE BOURLEGAT; CASTILHO, 2007; TEIXEIRA et al 2011).

Além de ser um objeto de cunho econômico, essas peças de artesanato tem valor simbólico, afetivo e cultural. A seguir (figura 14), cesta pequena e jarro, produzidos com a palha da carnaúba.

**Figura 14:** Cesta pequena e jarro, produzidos com a palha da carnaúba.



**Fonte:** Associação Renascer (2023).

A fibra da bananeira é retirada da árvore que não produz mais frutos. Após a fibra da bananeira ser retirada, cortada e seca, ela passa pelo processo de tear (figura 15 A, B, C).

**Figura 15 A, B, C:** Processo de tear da fibra da bananeira.



**Fonte:** Associação Renascer (2023).

A autora Romero (2014), aborda que essa prática é chamada de saber-fazer contínuo. Como “interface com os processos de visibilidade identitária” (Romero, 2014, p.284). Não é somente um artesanato, é um produto com valor identitário quilombola. “Quando as mulheres nessa comunidade acionam a noção de “artesanato quilombola”, não estão significando um “objeto” ou “matéria” estática, mas uma relação entre “o ser e o saber” (Ingold, 2012, p. 29). Também é feito o processo de trançar (figura 16 A, B) a fibra da bananeira.

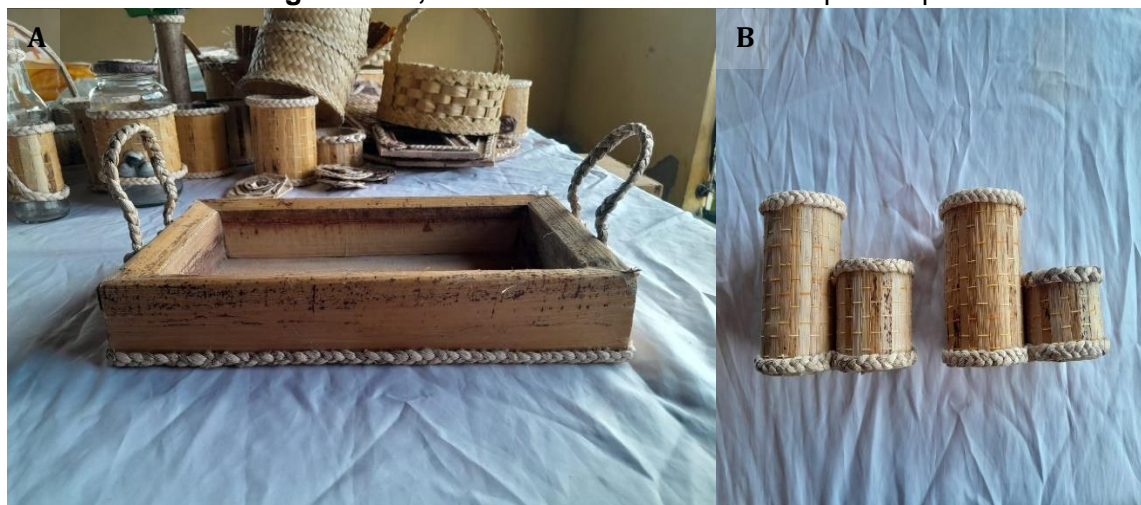
**Figura 16 A, B:** Trançado na fibra da bananeira.



**Fonte:** Associação Renascer (2023).

A seguir (figura 17 A, B) cesta de café da manhã e porta lápis produzidos com a fibra da bananeira.

**Figura 17 A, B:** Cesta de café da manhã e porta lápis.



**Fonte:** Associação Renascer (2023).

Muitas dessas peças também são utilizadas para demonstrativos (exposição). O que é chamado pelos autores Toledo e Barrera-Bassols (2015) de acervo biocultural. As comunidades tradicionais com seus modos de vida próprios possuem formas de lidar com a natureza a partir de suas cosmovisões, seus valores fundamentam conhecimentos acerca de seu território que determinam em práticas (Toledo, Barrera-Bassols, 2015; Silva, Carvalho, Pedroza; 2023).

As peças são vendidas no comércio local, regional e feiras livres, na capital do estado do Rio Grande do Norte em Natal. Alves et al (2024), salienta que antes da pandemia do covid19, a Associação Renascer comercializava seus produtos na Europa especificamente na Rússia.

#### **2.4.5 Alimentos orgânicos**

Tendo em vista a necessidade de expandir a cultura dos povos remanescentes de quilombolas e mostrar o modo tradicional e práticas de suas atividades nas suas comunidades, que de forma empírica praticam um conjunto de ciências resumindo-se em práticas agroecológicas vindas de seus antepassados, tornando esse modo de produção hereditária.

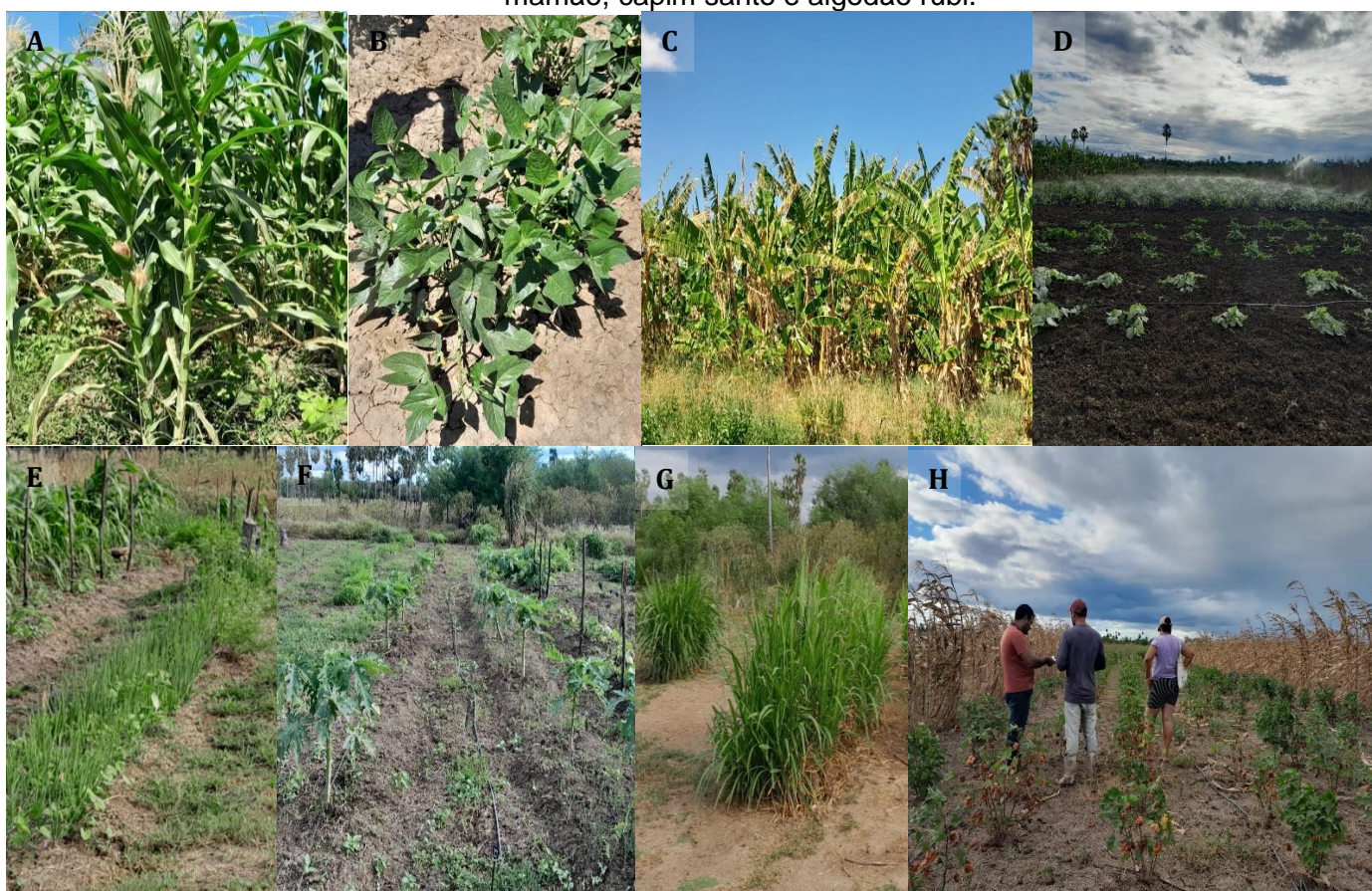
O resgate de conhecimentos agrícolas oriundos das populações tradicionais, os exemplos de manejo sustentável dos recursos naturais e os sistemas de produção com base nos princípios da agroecologia devem ser incentivados (QUINTEIRO et al., 2018; SILVA et al., 2024).

Deste modo, a Associação Renascer também produz alimentos orgânicos leguminosas, hortaliças, fruticultura, ervas medicinais, grãos, suporte forrageiro, cana de açúcar e algodão rubi (figura 18 A, B, C, D, E, F, G, H). Leguminosas e hortaliças: feijão, pimentão, alface crespa, jerimum de leite (abóbora), pimenta de cheiro, pepino, coentro, cebolinha, maxixe, batata doce, macaxeira (mandioca) e quiabo.

Fruticultura: banana da casca verde, banana nanica, acerola, pinha, seriguela, melão de cheiro, melancia, coco, tomate cereja e mamão. Ervas medicinais: hortelã, manjeriçõ, capim limão, capim santo, mastruz e corama. Grãos: milho, girassol e gergelim. Suporte forrageiro: capim açu e capim elefante.

Também ovos de galinha caipira e produtos caseiros como: bolos, doces, cocada e lambedor (remédio medicinal) para o controle de várias doenças, este é feito de ervas e plantas medicinais produzidas no quintal dos associados. Produtos certificados com selo orgânico desde o ano de 2022.

**Figura 18 A, B, C, D, E, F, G, H:** Plantação milho, feijão verde, banana, alface, cebolinha, mamão, capim santo e algodão rubi.



**Autor:** Yana Karina (2025).

Tendo parceria com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Governo Federal, Programa do Algodão Agroecológico Potiguar e Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER. O PAA auxilia no fomento da produção familiar de povos e comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, negros, mulheres e a juventude rural.

**Figura 19:** Reunião de ajustes sobre as parcerias.



**Autor:** Yana Karina (2025).

A Associação Renascer, firmou parceria com a EMATER na venda dos seus produtos orgânicos.

**Figura 20 A, B:** Distribuição dos produtos orgânicos pela EMATER.



**Fonte:** Associação Renascer (2025).

Com essa parceria a EMATER compra os produtos e faz a distribuição (figura 20 A, B) na comunidade quilombola Agrovila Picada (Quilombo Picadas). Também vende seus produtos orgânicos no comércio local e em feiras livres.

#### **2.4.6 O extrativismo da Associação Renascer com o olhar quilombola de Nêgo Bispo (Antonio Bispo).**

De acordo com Nêgo Bispo “extrativista não é povo, extrativista é uma categoria laboral relacionada ao trabalho” (Dorneles, 2021, p.19). Nêgo Bispo aborda no seu livro *Colonização quilombos: modos e significações*, que a partir do término da Segunda Guerra Mundial a maioria dos habitantes do Brasil viviam nas zonas rurais, ocupando seus territórios tradicionais.

Isto explicava uma maior parcela da prática do extrativismo e agricultura familiar. “Por conta disso, quase tudo que se precisava para bem viver era feito e refeito no próprio território. Significa dizer que toda essa produção e o seu transporte eram desenvolvidos através dos saberes e ofícios tradicionais” (Santos, 2015, p.52).

Para desviar o foco do extrativismo, a indústria química no pós da Segunda Guerra Mundial, para não haver prejuízos vendeu boa parte do então chamado agrotóxico, para vários países incluindo o Brasil, que aderiu à Revolução Verde e a prática da monocultura em grande escala. Com isso “desmantelar toda e qualquer resistência, principalmente as resistências socioculturais e intelectuais” (Santos, 2015, p.52).

O chamado “lixo tecnológico da Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo em que o êxodo rural também atendia a grande demanda por mão de obra nos grandes centros urbanos, esvaziando os territórios tradicionais” (Santos, 2015, p.53). Deste modo, quando os territórios tradicionais são esvaziados, as suas práticas e saberes diminuem a continuação dos futuros receptores, reduzindo as práticas do extrativismo e agricultura familiar, nos quais demandam a proteção do meio de vivência.

Como enfatiza Melo (2013, p.113) “o extrativismo é utilizado para designar, principalmente, o extrativismo vegetal, entendido como coleta ou apanha ambientalmente racional dos recursos florestais nativos como frutos, folhas, flores,

sementes e madeiras”. O que ocorre na Agrovila Picada, comunidade tradicional quilombola, que pratica a “exploração de espécies vegetais nativas da Caatinga. Entre essas espécies destacam-se a carnaúba (*Copernicia prunifera*), (SEI, 1995; Cavalcanti, Rezende 2002). Em que os moradores do Quilombo Picadas, fazem uso das folhas da palmeira carnaúba na produção do artesanato.

Em entrevista com Joviano Mayer, durante o período pandêmico do Covid-19, Nêgo Bispo relata:

Então, tem muitos quilombos que estão aproveitando esse período pra se reeditarem, mas também para resgatarem algumas práticas, alguns modos que eles fizeram no passado, ou seja, estão se fortalecendo e aproveitando essa experiência também para conversar com as gerações mais jovens e mostrar que é possível viver só no quilombo (Santos, 2020, p.56).

Esse resgate de práticas, experiências e conversas, são os chamados “saberes orgânicos”.

“Os saberes orgânicos na verdade são saberes cosmológicos. São os saberes que nos envolvem a partir do ser. Porque houve uma comunicação para a vida. Uma comunicação da vida para a vida. É isso o que nós chamamos de saberes orgânicos. Então, quando dizemos que os nossos saberes são orgânicos, é porque são saberes voltados para o ser, voltados para a vida. São saberes resolutivos” (Dorneles, 2021, p.16-17).

Esses saberes orgânicos acabam tornando-se em palavras germinantes, em decorrência do repasse para outras pessoas, como uma reedição, assim como uma semente faz para germinar.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É indispensável a importância da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira na produção de renda através dos artesanatos, produtos orgânicos e permanência do legado da comunidade tradicional quilombola Agrovila Picada. É verídica a forma extrativista da retirada das folhas e talos da carnaúba (*Copernicia prunifera*), palmeira nativa do bioma Caatinga, também a retirada da fibra da bananeira da árvore que não produz mais frutos, para a confecção dos artesanatos.

Vale destacar a gama da variedade dos alimentos orgânicos, produzidos pela Associação Renascer: leguminosas, hortaliças, fruticultura, ervas medicinais, grãos, suporte forrageiro, cana de açúcar, algodão rubi e ovos de galinha caipira. Também produtos caseiros: bolos, doces, cocada de coco e lambedor (remédio medicinal) para o controle de várias doenças, este é feito de ervas e plantas medicinais produzidas no quintal dos associados. Estes alimentos são certificados com selo orgânico desde o ano de 2022. A Associação Renascer têm parceria com EMATER, que compra os seus produtos orgânicos e faz a distribuição. Boa parte dos artesanatos e produtos orgânicos são vendidos no comércio local e feiras livres. Algumas peças de artesanatos já foram vendidas no exterior, especificamente na Rússia.

É perceptível a participação das mulheres na Associação Renascer, sendo maioria no número de associados 38 (76%) e homens 12 (24%). Evidenciando que estas não se dedicam somente às atividades domésticas, procurando auxiliar na renda e independência financeira.

## REFERÊNCIAS

ALVES, S. M. C et al. Análise da gestão de feira de agricultura familiar na comunidade Picadas, em Ipanguaçu/RN. Cadernos de Agroecologia – ISSN2236-7934- Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 1-4, 2024. Disponível: <https://cadernos.abo-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/8782/6465> Acesso: 10 jul 20125.

Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira. Cartilha artesanato 2023.

Autodefinição como remanescentes de quilombolas, Portaria FCP nº 135 de 27 de outubro de 2010. Disponível: [https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-135-2010\\_222443.html](https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-135-2010_222443.html)

Acesso: 10 jul 2025.

BORGES, L, A, C et al. Áreas de preservação permanente na legislação ambiental brasileira. Ciência Rural, Santa Maria, v.41, n.7, p.1202-1210, jul, 2011. Disponível: <https://repositorio.ufla.br/items/9ee03be3-a467-4e24-b4cc-8a479326d5d5> Acesso: 30 jul 2025.

CAVALCANTI, N. B, RESENDE, G. M. A participação do extrativismo vegetal do fruto do imbuzeiro na formação da renda de pequenos agricultores no Nordeste Semiárido. Repositório EMBRAPA, p.34-37, 2002. Disponível: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/128449/1/Nilton.pdf> Acesso: 20 set 2025.

COSTA, L. M. A. O artesanato como forma de manifestação cultural e complementação de renda: um estudo de caso da Associação Comunitária do Bairro do Lambari. 2012. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, Pós-Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, Universidade de São Paulo, 2012.

CRUZ, V. C. Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: Frederico Guilherme Bandeira Araújo; Rogério Haesbaert.. (Org.). Identidades e Territórios: questões e Olhares Contemporâneos. Rio de Janeiro: ACCESS, 1 ed., v. 1, p. 93-122, 2007. Disponível:

[https://www.academia.edu/14332502/CRUZ\\_V\\_C\\_Territórios\\_identidades\\_e\\_lutas\\_sociais\\_na\\_Amazônia](https://www.academia.edu/14332502/CRUZ_V_C_Territórios_identidades_e_lutas_sociais_na_Amazônia) Acesso: 30 jul 2025.

DORNELES, D, R. Palavras germinantes. Identidade, São Leopoldo , v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, jan./dez. 2021. ISSN 2178-437X. Disponível: <http://revistas.est.edu.br/index.php/identidade> Acesso: 16 set 2025.

Estima, D.C.; Martins, F.M.C.P.F.; Rabinovici, A.; Ventura, M.A.M. A atuação das Organizações Não-Governamentais ambientalistas no turismo em ilhas: o caso de Fernando de Noronha (PE). Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.6, n.1, jan/abr 2013, pp.153-170. Disponível:<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaror.html?task=detalhes&source=resources&id=WJ2670000000083160> Acesso: 22 set 2025.

INGOLD, T. 2012b. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: C. STEIL; I.M.C. CARVALHO (orgs.), Cultura, percepção e ambiente: diálogo com Tim Ingold. São Paulo, Terceiro Nome, p. 15-48.

LIMA, Vanuza Ribeiro de; MARINHO, Marcelo; BRAND, Antonio. História, identidade e desenvolvimento local: questões e conceitos. História & Perspectivas, Uberlândia n.36, v.37, p. 363-88, jan./dez. 2007. Disponível: [https://www.academia.edu/4848267/História\\_Identidade\\_e\\_Developimento\\_Local\\_questões\\_e\\_conceitos](https://www.academia.edu/4848267/História_Identidade_e_Developimento_Local_questões_e_conceitos) Acesso: 20 set 2025.

MELLO, C.L; FROEHLICH, J. M. Território feito à mão: o artesanato como expressão identitária em comunidades remanescentes quilombolas. Tessituras Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas, v.10, n.2, p.73-96, jul-dez 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/22549> Acessado: 20 set 2025.

MELO, S. W. C. Extrativismo vegetal como estratégia de desenvolvimento rural no Cerrado. 2013. 210 f. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Agronegócios – PPGA. Universidade de Brasília, 2013.

MELCHOR, Paulo. O que é associação sem fins lucrativos? Como constituir e como é tributada? **SEBRAE**, 2011, p.1-6. Disponível: <https://www2.unifap.br/mariomendonca/files/2011/05/ASSOCIAÇÃO-SEM-FINS-LUCRATIVOS-INF.pdf> Acesso: 20 set 2025.

Museu quilombola da Agrovila Picada em Ipangaçu-RN. Disponível: <https://jm-museuquilombola.blogspot.com> Acesso: 10 set 2025.

NASCIMENTO, E. B *et al.* Memórias de uma comunidade rural remanescente de quilombolas. II Congresso Internacional das Ciências Agrárias – COINTER

- PDVAGRO, 2017, p.1-12.  
Disponível:[https://www.academia.edu/89538546/Memórias\\_De\\_Uma\\_Comunidade\\_Rural\\_Remanescente\\_De\\_Quilombolas](https://www.academia.edu/89538546/Memórias_De_Uma_Comunidade_Rural_Remanescente_De_Quilombolas) Acesso: 10 jul 2025.
- ROMERO, F. L. Fazer artesanato para fazer a roça”: práticas sociotécnicas na Comunidade Quilombola da Serra das Viúvas. Ciências Sociais Unisinos n.50, v.3, p.281-292, setembro/dezembro 2014. Disponível:  
<https://www.redalyc.org/pdf/938/93835316011.pdf> Acesso: 25 jul 2025.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015. 78 p.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. Início, meio, início. [Entrevista concedida a] MAYER, Joviano Gabriel Maia. Indisciplinar. p.52-69, 2020. Disponível:  
<https://pt.scribd.com/document/778066338/Nego-bispo-inicio-meio-e-inicio> Acesso: 16 set 2025.
- SILVA, G.C, CARVALHO, A. J. A, PEDROZA, C. M. O artesanato da piaçava das mulheres da comunidade quilombola de Pedra Rasa: elemento de desenvolvimento social e biocultural, Camamu – BA, Brasil. Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 7, n. 1, Jan.-Dez., 2023 ISSN: 2594-4754 | Disponível: DOI:  
<https://doi.org/10.35642/rm.v7i1.929>. Acesso: 25 jul 2025.
- SILVA, J. C. P *et al.* Efeito da propensão empreendedora no desenvolvimento humano de profissionais da indústria criativa do artesanato. Gestão & Regionalidade, v. 40, p.1-22, jan-dez, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.13037/gr.vol40.e20248266> Acesso: 25 jul 2025.
- SOUZA, E. C. *et al.* Sujeitos e práticas pedagógicas nas escolas rurais da Bahia: ações educativas e territórios de formação. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, p.156-169, Jan/Jun 2011. Disponível:  
<https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2011/vol11/no1/11.pdf> Acesso: 25 jul 2025.
- SHIRAISHI NETO, J. Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Joaquim Shiraishi Neto, org. Manaus: uea, 2007. 224p. ISBN 978-85-89453-61-5 Disponível:  
[https://www.ppgcspa.uema.br/wpcontent/uploads/2022/03/01direito\\_povos\\_comunidades\\_tradicionais\\_brasil.pdf](https://www.ppgcspa.uema.br/wpcontent/uploads/2022/03/01direito_povos_comunidades_tradicionais_brasil.pdf) Acesso: 10 jul 2025.
- TEIXEIRA, M. G *et al.* Artesanato e desenvolvimento local: o caso da Comunidade Quilombola de Giral Grande, Bahia. Interações, Campo Grande, v. 12, n. 2, p. 149-159, jul./dez. 2011. Disponível:  
<https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscarador.html?task=detalhes&id=W2069023367> Acesso: 25 jul 2025.
- TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

